

EUGÊNIO DE ANDREA DA CUNHA E FREITAS

# Nuno Gonçalves, Alcaide de Faria

TENTATIVA DE IDENTIFICAÇÃO



0.7 Faria, Nuno Gonç  
E

BRAGA — 1963



Nuno Gonçalves, Alcaide de Faria  
TENTATIVA DE IDENTIFICAÇÃO

DE BARCELOS  
BIBLIOTECA MUNICIPAL  
Nº 57493 *Penne*  
*Barcelonina*

Separata da Revista «*Armas e Troféus*»  
2.<sup>a</sup> Série, Tomo IV — N.º 3

EUGÊNIO DE ANDREA DA CUNHA E FREITAS

# Nuno Gonçalves, Alcaide de Faria

TENTATIVA DE IDENTIFICAÇÃO

BRAGA — 1963



## NUNO GONÇALVES, ALCAIDE DE FARIA

### Tentativa de identificação

Na *Crónica* de El Rei D. Fernando, cap. LXXIX, Fernão Lopes, narra, na sua maneira tão própria, tão castiça, o feito heróico do « bom escudeiro » Nuno Gonçalves, alcaide de Faria, ante os muros do seu castelo morto pelos castelhanos do Adiantado Pero Rodrigues Sarmiento, em 1373. Exemplo de portuguesa lealdade que Alexandre Herculano romanceou em páginas clássicas das suas *Lendas e Narrativas*.

Não vale sequer a pena resumir a descrição do feito, tão conhecido ele é. O que seria interessante era identificar o glorioso alcaide, resolvendo o pleito renhido que em princípios deste século se travou entre Anselmo Braamcamp Freire (1) e José de Azevedo e Meneses (2). Para o primeiro, Nuno Gonçalves era um simples plebeu; para o segundo um fidalgo de alta estirpe, descendente dos medievais cavaleiros de Faria, e fundador da linhagem deste apelido.

Tenho para mim que nenhum deles estava na razão.



São quatro os documentos das Chancelarias de D. Pedro e D. Fernando que mencionam o « bom escudeiro » Nuno Gonçalves :

a) Em 26 de Junho de 1357 deu El Rei D. Pedro o Castelo de

---

(1) *Jornal do Comércio*, ano de 1902, e *Crítica e História*, 1910.

(2) *Ninharias*, 1912.

Faria a « nuno gllz de ferreira, seu vassalo », (Chanc. de D. Pedro, L.º 1.º fls. 2 v.º).

b) Por carta de 14 de Dezembro de 1363 deu o mesmo monarca o préstamo de Faria a « nuno gllz de faria », em pagamento da contia de seus maravedis. (Ibid., fls. 92).

c) Por carta de 21 de Março de 1367 deu El Rei D. Fernando o dito castelo ao mesmo Nuno Gonçalves (Chancelaria, L.º 1.º fl. 4 v.º).

d) Por carta de 29 de Maio de 1369, deu o mesmo Rei a terra de Milhais ao dito « nuno gllz alcaide de faria ». (Ibid. fls. 42 v.º).

Nenhuma referência documental ao feito heroico, de que a única fonte histórica é o texto da *Crónica*, de Fernão Lopes, se faz em outros registos, da Chancelaria, de mercês a Constança Afonso, viuva do alcaide, e que para aqui não interessam.



Comentando aqueles diplomas, na polémica que sustentou com Anselmo Braamcamp Freire, o genealogista José de Azevedo e Meneses opina (*Ninharias*, pg. 149) que o apelido Ferreira, que na Chancelaria se atribui ao alcaide de Faria, é erro do copista da *Leitura Nova*, que deveria ter escrito *Faria* e não *Ferreira*.

« O Sr. Braamcamp diz que esta mercê (a de Alcaide de Faria, em 1357) fora concedida a Nuno Gonçalves *de Ferreira*, e na verdade este apelido assim se acha escrito na respectiva chancelaria [...] parece que foi erro da leitura nova; e foi realmente, como vamos provar ».

José de Azevedo e Meneses apresenta seguidamente as suas *provas*:  
« A troca dos apelidos é devida a engano do copista dos livros originaes da chancelaria de D. Pedro [...] à qual o Sr. Braamcamp chama desastrosa. O erro da *leitura nova* deu-se escrevendo o copista — *Ferreira*, em vez de *Faria*. Não há abreviatura de *fra* para indicar o apelido *Ferreira* [...]. Se a houvera significaria com mais propriedade aquele apelido *Faria* do que esse último [...]. Assim, nem de um modo, nem do outro é sustentável a afirmação de que fora alcaide do Castelo de Faria em 1357 Nuno Gonçalves de Ferreira. Duvidamos que existisse tal indivíduo naquela época, e ainda que se prove a sua existência parece nos que não podia ser alcaide daquele castelo, nem vassalo de El Rei. Notamos já a novidade de vir precedido da preposição *de* o apelido *Ferreira*, o que não era antigamente de uso e costume, nem ainda é nos nossos dias; mas é

certo que tal preposição vai bem com o apelido *Faria* e assim já vemos um sinal do erro da *Leitura Nova*, apontado pelo nosso expositor . . . ».

Se a crítica de Braamcamp Freire, procurando amesquinhar a origem dos Farias a ponto de considerar simples plebeu um « bom escudeiro », alcaide de castelo e vassalo de El Rei, é, sem dúvida, facciosa e improcedente, também, em boa verdade, estas *provas* que José de Azevedo e Meneses apresenta para convencer que Nuno Gonçalves pertencia à antiga linhagem de Farias medievais, também elas, nada provam.

Não basta dizer que houve erro da *leitura nova* escrevendo *Ferreira* em vez de *Faria*; é preciso justificar que tal erro houve:

Não é verdade que o apelido *Ferreira* não fosse outrora precedido da preposição *de*. Pelo contrário, muitos o traziam na Idade Média. Martim de Ferreira, Pedro de Ferreira, Estêvão Pires de Ferreira, Gonçalo Esteves de Ferreira. E ainda o encontramos assim nos séculos XV e XVI: Afonso de Ferreira, Fernão Lopes de Ferreira, mas estes talvez por serem castelhanos de origem, e o apelido traduzido de *Herrera* em *Ferreira*.

Por outro lado, é certo que nesse tempo existia um Nuno Gonçalves de Ferreira, que pela sua estirpe bem podia ser alcaide e vassalo de El Rei.

O linhagista Diogo Rangel de Macedo <sup>(3)</sup> diz-nos no seu excelente *Nobiliário* que de Gonçalo Esteves de Ferreira, filho legitimado (1316) de Estêvão Pires de Ferreira, nasceram três filhos:

- a) Gil Gonçalves de Ferreira, casado com Teresa Anes de Barcelos, com descendência que teve sua casa em Barcelos, *junto à terra de Faria*;
- b) Nuno Gonçalves;
- c) Lourenço Gonçalves, pai de João de Lourenço de Ferreira.

É extremamente provável que este Nuno Gonçalves, filho ou não daquele Gonçalo Esteves de Ferreira e neto de Estêvão Pires, ou de outro, mas sem dúvida da sua linhagem, seja o mesmo Nuno Gonçalves chamado em último lugar para a sucessão do morgado que em seu testamento de 1 de Novembro da Era de 1386 (A. D. 1348) instituiu Martim de Ferreira, Cavaleiro de Vila Verde, e de quem, em testamento de 1393, se lembra seu parente Estêvão Ferreira, instituidor do morgado de Fajozes, mandando rezar missas por alma dele <sup>(4)</sup>.

---

<sup>(3)</sup> Bibl. Nac. de Lisboa. *Pombalina*, cod. 375.

<sup>(4)</sup> *Tombo I de S. Simão da Junqueira*, fls. 131, na Torre do Tombo.

E tudo se conjuga também para o identificar com o alcaide de Faria: Todos estes Ferreiras eram herdados em Terra de Faria e em Barcelos, que com ela pega.

A cronologia está certa, a categoria social era a mesma, nenhum elemento diferenciador se descobre na documentação conhecida.

É, portanto, muito ousado, sem provas decisivas, dizer, com José de Azevedo e Meneses, que a Leitura Nova da Chancelaria está errada. Pelo contrário, deve estar certa, e a razão do lado de Braamcamp Freire, quando afirma que o *Faria* dado por Fernão Lopes ao alcaide, se refere ao castelo, e não à linhagem. Aliás, Fernão Lopes escrevia a sua crónica muitos anos depois do sucesso.

Antes de terminar, e por que estamos nos domínios das conjecturas, uma pergunta. Porque se lembraria Estêvão Ferreira desse parente, um tanto remoto, mandando no seu testamento rezar missas por sua alma? Não seria justamente em homenagem ao feito heróico de Nuno Gonçalves, ocorrido apenas 20 anos antes?



A tese de José de Azevedo e Meneses foi mais recentemente defendida por dois investigadores, há poucos anos falecidos: o coronel Jorge de Faria Machado Vieira de Sampaio e o Conde de Vilas Boas, Fernando de Magalhães e Meneses.

Não me consta que o Conde de Vilas Boas, espírito curiosíssimo, brilhante, mas dispersivo, deixasse escritas as razões da sua opinião.

O Coronel Jorge de Sampaio, linhagista dos mais probos, de um escrúpulo absoluto nas suas obras, não vai tão longe como José de Azevedo:

«O Nobiliário do Abade de Esmeriz, um dos de maior confiança para o estudo dos Farias, diz que o pai do glorioso alcaide fora Gonçalo Fernandes de Faria, que viveu na terra deste nome nos reinados de D. Dinis e D. Afonso IV <como consta de umas memórias que vi> afirma o citado escritor. O mesmo genealogista dá-lhe por avô o Rico Homem Fernão Pires de Faria, coevo de D. Afonso III, descendente por ventura, do João de Faria <nobre e bem arrendado>, do tempo de D. Afonso Henriques. Talvez se não afaste da verdade a filiação atribuída ao alcaide, pois em certo processo do ano de Cristo de 1362 figuram como testemunhas qualificadas Nuno Gonçalves e seu irmão Alvaro Fernandes, escudeiros, ambos

então ausentes em Castela, o que prova a existência de um ascendente chamado Fernão, do qual Álvaro tomou o patronímico » (5).

Este documento é um pleito entre partes, o Deão de Braga, Estêvão Pires, contra Vasco Martins de Sousa, em que aquele indicou, entre outras testemunhas a «... Alvaro Fernandes escudejro que diz que uiueo em Coimbra Item mais Nuno Gonçalvez escudejro seu jrmão... » (6).

Gaspar Alvares de Lousada, que sumariou este documento, identifica aquele escudeiro Nuno Gonçalves com o alcaide de Faria, dado que a ele sem dúvida se refere outro documento, de 1357, entre as mesmas partes pleiteantes: «... Nuno Gonçalves escudejro de Faria ».

A prova não me parece inteiramente convincente, e mesmo que o fosse não destrua de modo algum a hipótese da origem *Ferreira*, pois não estabelece a ligação dos *Farias* medievais, com o alcaide e aqueles que, segundo se diz, dele provieram (7).

Em meu entender pesam mais os argumentos a favor da geração de *Ferreiras* que de *Farias*. Pelo menos, até se provar que houve, na verdade, erro na *Leitura Nova*.

---

(5) *Subsídios para a Genealogia dos Farias Machados das Casas da Bagoeira e das Hortas*, 1938 — pg. 11.

(6) Documento sumariado por Lousada, nos seus *Sumários* (Bibl. Nac. de Lisboa, *Pombalina*, cód. 269, fls. 271 v.º).

(7) Segundo a *Crónica*, Gonçalo Nunes, filho do alcaide, meteu-se clérigo depois do glorioso feito do pai. Não pode ser, portanto, o mesmo Gonçalo Nunes de Faria que em 1385 recebeu de D. João I o senhorio de Azurara e outras terras, e de quem os genealogistas fazem proceder vários ramos de *Farias*, (Felgueiras Gaio, tit.º de *Farias* § 110).

(8) O Dr. Silva Lopes sugere-me uma hipótese muito de considerar, baseada na heráldica dos *Farias*: o castelo das suas armas recordaria o feito de Nuno Gonçalves, os lises, a sua origem na geração dos do Casal, primitivos senhores do Casal de Cavaleiros, em S. Martinho de Outeiro, na antiga terra de Faria.

Seja como fôr, não há dúvida que o apelido Faria é toponímico, recebido dos seus maiores ou adoptado por Nuno Gonçalves, pela razão de ser herdado naquela terra, entre Ave e Cávado. Não tem outro significado, dentro dos usos do tempo, a designação de «Nuno Gonçalves, escudeiro de Faria », que se lhe dá no documento sumariado por Lousada.





biblioteca  
municipal  
barcelos



57493

Nuno Gonçalves, Alcaide de  
Faria